

# BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 4 DE FEVEREIRO DE 1877.

NUMERO 17

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

## O JORNALISMO NA EMIGRAÇÃO

(Conclusão do n.º 16)

### VII

Na catalogação dos jornaes das nossas emigrações, descrevel-os-hia em grupos de 10 annos cada um.—Não adoptaria outra norma catalogaphica.

Faria assim um grupo de 1800 a 1810, outro de 1810 a 1820, outro de 1820 a 1830, outro de 1830 a 1840, e outro de 1840 a 1850.

Era forçado a parar por aqui.

### VIII

No 1.º grupo — 1800 a 1810 — catalogaria o *Correio Braziliense* — unico da epocha, de que possuo a collecção.

No 2.º grupo — 1810 a 1820 — catalogaria o *Investigador Portuguez*; o *Espelho*; o *Portuguez*; o *Observador Lusitano*; os *Annaes das Sciencias, das Artes e das Lettras*; o *Campeão Portuguez*; e o *Plenipotenciario da Razão*. — E addiria tambem a este grupo o *Patriota do Rio de Janeiro*.

No 3.º grupo — 1820 a 1830 — catalogaria o *Padre Amaro*, com o seu *Appendix*, e o *Cruzeiro*; o *Contemporaneo politico e litterario*; o *Azorraque*; a *Aurora Pernambucana*; o *Conciliador*; o *Popular*; o *Correio Interceptado*; a *Tesoura*; o *Portuguez Emigrado*; o *Paquete de Portugal*; e o *Chaveco Liberal*.

No 4.º grupo — 1830 a 1840 — catalogaria o *Palinuro*; o *Correio dos Açores*; a *Chronica da Terceira*; a *Aurora*; o *Correio dos Emigrados Portuguezes*; o *Portuguez Cons-*

*titucional*; o e *Armazem dos Conhecimentos Uteis*, com o titulo primitivo d'*Archivo*.

No 5.º grupo — 1840 a 1850 — catalogaria o «unico numero» do *Portuguez em Cadix*, que sahira a lume na epocha respectiva, e de que tenho um exemplar perfeito — *rarissimo entre os nossos folhetos que o são*.

### IX

No grupo jornalístico de 1830 a 1840, catalogaria igualmente o *Contrabandista* do nosso Dr. *Antonio Ribeiro Saraiva*: — periodico politico de pequeno formato, e de que me vieram ha dias á mão alguns numeros apenas.

Não os possuia ainda, quando esbocei o meu quadro jornalístico do n.º anterior da *Borboleta*.

Tambem não possuia ainda, na mesma occasião, nenhum numero da *Peninsula* do alludido legitimista.

Ao catalogar a cada um dos alludidos jornaes, daria eu em traços genericos a biographia dos seus redactores.

Dando a catalogação — por exemplo — do quasi desconhecido *Portuguez em Cadix*; biographaria em summa o nosso João Bernardo da Rocha, remetendo-me ao que tivesse esboçado a este respeito, ao fallar anteriormente do seu *Portuguez* de 1814.

Catalogaphando as *Reflexões sobre o Correio Braziliense* — periodico este, de que fôra redactor o nosso *Hypolit o José da Costa* — daria tambem succintamente a biographia do nosso Fr. Joaquim de Sancto Agostinho, redactor anónimo das mesmas *Reflexões*.

## XI

Por esta fórma—substituível por outras mais—escreveria eu a monographia bibliographica do jornalismo geral das emigrações dos nossos conterraneos no estrangeiro—monographia importante e valiosa.

Não esqueceria n'ella, como é facil de vêr, a catalogação dos jornaes dos nossos legitimistas, publicados no estrangeiro ao depois de 1834.

## XII

Na impossibilidade momentanea de trabalhos d'esta ordem; deixo esboçados n'este logar os seus lineamentos geraes—pondo á disposição dos nossos estudiosos, com a melhor das vontades, os subsidios que para este fim eu lhes poder prestar.

Braga

PEREIRA-CALDAS.

## TRISTEZA, ESPERANÇAS, PRECES

## De um christão septuagenario

Ridentes imagens dos verdes meus annos  
Douravam-me a vida, fagueiras, ás mil:  
Sombrias imagens a enluctam agora,  
Na rigida bruma da idade senil.

Foi sonho a ventura, que então me mostrára,  
Com meigos olhares, seu rosto gentil:  
Não volvem taes sonhos, quaes volvem aos prados  
No gyro dos annos, as flores d'abril.

Mas sonhos que montam? Christãs esperanças  
As forças roborem do lasso viajor:  
Do exilio terrestre, no fim da carreira,  
Minorem-lhe, ao menos, o duro rigor...

Por aridas sendas caminha sedento,  
Humectem-lhe os labios com doce licor.  
Que gottas d'orvalho nos campos refrescam  
As petalas murchas de languida flor.

Cedo meus olhos                    Impende a todos  
Serão cerrados,                    O fatal córte,  
E entre os finados                    A mim a morte  
Me contarão.                        Não tarda, não.

Quatorze lustros                    No horrendo transe  
São longa vida;  
Prestes a vida                        Do passamento,  
Terminará.                            Vivido alento  
    Quem me dará?

Vivido alento  
Em tanto abalo,  
Só posso achal-o  
Junto da Cruz:

Em ti somente  
Toda descança  
Minha esperança,  
Christo Jesus.

Na cruz pregado  
Por Mãe me deste  
Virgem que houveste  
Por genitriz.

Juncto ao teu filho,  
Virgem Senhora,  
Sê protectora  
D'este infeliz.

Oxalá que em taes momentos,  
Entre as ancias d'agonia,  
De JESUS e de MARIA  
Possa os nomes proferir:  
Que mil osculos ardentes,  
Meu intento em Deus só fixo,  
Sobre os pés d'um Crucifixo,  
Haja ao menos, de imprimir.

CONSELHEIRO VIALE

## DOLORES

(Continuação)

## XXIII

Tive a coragem de demorar a resposta cinco dias, e de escrever com menos exaltação. Veio outra carta. Ella notára a minha frieza e lamentava-se.

Escrevi oito dias depois. A resposta demorou-se tambem. Eu desejava ardentemente que aquella correspondencia terminasse, mas... todas as noites voltava mais triste para casa. Era indisivel a comoção com que eu pedia ao empregado do correio que visse bem se havia carta para mim, indisivel a tristeza que me dava a resposta d'elle, sempre negativa.

No caminho de casa, ia dizendo comigo—«ainda bem.» Estas palavras, eram só dos labios!

Assaltou-me o receio de que Dolores executasse a ameaça de vir a Portugal. Eu conhecia-lhe o character extremamente bondoso, mas incapaz de soffrer contrariedades. A dôr, a paixão, n'aquella alma ardente, poderiam produzir terriveis explosões. Ia, por isso, todas as noites esperar a diligencia do Neves, e se acontecia vir alguma senhora aproximava-me entre receioso e alegre, para a reconhecer.

Veio finalmente uma carta. Dolores adoecera. Escrevia apenas duas linhas, dizendo-me que rogava ardentemente a Deus que a doença fosse fatal.

—Mas eu mato aquella pobre creança!

Dizia eu no auge da afflicção! E' preciso que parta immediatamente... E encaminhei-me apressado para o escriptorio do Neves. Chegando alli, hesitei. Que vou eu fazer? Terrível situação!

Voei a casa e escrevi, escrevi seis folhas de papel.

Dolores respondeu-me :

«A tua carta chamou-me á vida e á esperanza. Mas porque és tu tão cruel que estás tanto tempo sem escrever, e mandas depois umas coisas tão frias e indifferentes?»

Meu pae prometeu-me que logo que eu esteja melhor, vae comigo ahi. Perdoa-me. Pensando que morria, contei-lhe tudo. Elle não reprova o nosso amor. Parece-me que o estimo muito mais depois que elle o disse. Sabes? Elle agora passa horas inteiras á cabeceira do meu leito. Fallamos sempre em ti. Pedi-lhe que me lesse Pellico, e como não sabe italiano, rimo-nos muito das sylabadas que diz. Mas olha que rio depois que recebi a tua ultima carta. Antes d'isso estava a morrer!...

Fazemos muitos planos. Meu pae diz que tu debes pedir a demissão para vives viver connosco. Não precisamos, graças a Deus (ves, como fallo em Deus) dos teus ordenados. Comtudo, se tu quizeres continuar a viver na tua patria, iremos para ahi. Para mim, a minha patria é onde tu estiveres. Mas era tão bom que vieses tu! Não sejas soberbo para os que te querem muito. Bem sabemos que não és rico, mas somol-o nós. Não é tudo a mesma coisa? Escrevo-te isto com grande receio de te offender. Perdoa-me fallar-te em riquezas, quando as que tu e eu ambicionamos se resumem no nosso amor.

Não queriam que te escrevesse esta carta. Diziam-me que me faria mal! Se elles soubessem a felicidade que isto me dá!»

E seguia um idylio de sonhadas felicidades.

#### XXIV

Tornara-se insuportavel a minha situação! Cada carta de Dolores trazia-me a convicção de que era impossivel deixar de lhe confessar toda a verdade. Guardava sempre essa confissão para a carta seguinte. Naturalmente Dolores lia-as a D. Garcia. Que dôr a d'aquelle pae! Se ao menos o pudesse dizer a Dolores só...

Aquella noble alma é capaz de todos os grandes sentimentos de generosidade e sacrificio.

A ultima carta que recebi de Dolores, dizia: —«Estou boa. Para a semana vou ahi com meu pae. Nós te avisaremos da nossa chegada».

Era urgente tomar uma resolução definitiva e rapida.

Pretextei em casa a necessidade imperterivel de ir a Caminha, e metti-me na diligencia do Neves.

Chegado áquella villa, ainda me senti com ardente desejo de voltar para traz. Estava a dois passos d'ella e sentia que me faltava a coragem para a fatal revelação. Era, porém, necessario. Vamos!

Atravessei o rio e cheguei á Guardia ao sol posto. Mandei chamar Pepe, recommendando á pessoa que se encarregou do recado que não dissesse quem lh'o déra.

Pepe veio. Ficou admirado de me ver, e ainda mais admirado da pallidez mortal do meu rosto.

Dei-lhe um bilhete para Dolores, recommendando-lhe que o não mostrasse a mais ninguem.

Eu dizia a Dolores: «Preciso fallar-te a sós. Estou na Guardia. Em nome do teu amor te peço que guardes o mais completo segredo. Teu—A.»

Veio a resposta: —«Tu aqui! E não corres a nossa casa! Que significa este mysterio? Faça-se, porém, o que tu desejas. Espero-te ás 11 horas no jardim, debaixo das magnolias. Tua —Dolores.»

(Continúa)

Praia da Granja.

ALMEIDA PINHEIRO.

#### VERSOS

Feitos para se recitarem no beneficio do

ACTOR SAMUEL

CORAJOSO BOMBEIRO VOLUNTARIO

Tem lá dentro a farda honrosa  
De Bombeiro Voluntario,  
Esse distincto operario  
Que tanto nas artes lida;  
Se a visseis... está manchada...  
Manchada a farda já foi!  
Foi pelo fogo crestada  
Quando buscava uma vida  
Sem se lembrar que era heroe!

E em torno ao distincto emblema  
Da mocidade prestante,  
Que ao som do bronze distante,  
De si, de tudo, se esquece,  
E ao meio do incendio vòa  
Onde é mister mais valor;  
Um outro emblema entretece  
O altivo louro; uma c'ròa...  
Ganhou-a ali como actor.

Laços bemitos que formam  
Entre os que lidam, cadeia,  
Tendo por elos a Ideia,  
Por familia a Humanidade!  
Bem dita a luz que deslumbra  
Com seu brilhar divinal  
As loucuras da vaidade;  
E deixando-as na penumbra,  
Caminha ao seu ideal.

Por isso aqui tambem tenho  
Um lugar... ainda sou novo,  
E como filho do povo  
Trabalhar é a minha herança.  
Honra o titulo que almejo,  
Fors em que tenho fé,  
Vim cheio de confiança...  
Perdôa se a um tal festejo  
Trouxe tão pobre bouquet.

Porto.

ANTONIO CORREIA.

## BEBIDAS

### O chá, o café, o chocolate

(Continuação do n.º 16)

#### I

#### O CHÁ

Fallêmos em primeiro logar do chá, d'esta aromatica substancia, que, só no Reino Unido, tem um consummo annual de 3 milhões de kilos. Esta infusão está hoje vulgarisada por todos paizes, e tem grande numero de proselytos.

O norte da Europa, a Suécia, a Belgica, a Hollanda, e mesmo a Russia, e até o nosso Portugal, consomem o chá em extraordinárias proporções. Até no nosso paiz, para se vêr quanto o uso do chá está vulgarisado, diz-se = *Este tomou chá desde pequeno*. E' verdade, que antigamente pertencia esta bebida só ao bom tom da so-

cidade; mas hoje já se vae introduzindo entre as classes inferiores da mesma.

A França consome todavia muito menos chá do que a Inglaterra—300 mil kilos— quantidade cem vezes menor. Todavia isto depende—mesmo em Portugal—do maior uso, que se faz do café, bebida hoje muito mais vulgarisada, como em Hispanha se acha o chocolate, aquelle saboroso e aromatico chocolate—preparado segundo as indicações de Mathias Lopes, e que para nós é uma agradável e nutriente bebida. Nós tantas vezes e com tanta satisfação, temos bebido em Madrid, e offerecida por *salerosa* hispanhola, a sympatica filha do Manzanares.

O chá, planta exotica, da familia das Ternstroemiaceas e tribu das Camélias, cresce espontaneamente na China e no Japão, onde os processos especiaes de fabrico lhe dão aquelle arôma e sabôr, que ainda não poderam conseguir os habitantes d'outros paizes: sendo só a China e o Japão o excellente clima, para o desenvolvimento e preparação de tão util chá.

Escusam os europeos de se lançarem, querendo acclimatal-o n'outro qualquer ponto. Tudo é inutil, e o chá sempre sahirá insipido e máo.

Varia a qualidade do chá conforme a preparação que se dá á planta. E' o mesmo o chá verde e o chá preto, isto é, são identicas as arvores que o produzem. Todavia para o commercio, o que varia é o processo para a maceração das folhas, e para a exsiccção, ou rapidamente ou de vagar. Finalmente, mostra as differenças entre os chás verdes, e os chás pretos, a epocha da colheita das folhas, contendo sucos mais ou menos elaborados, e mais activos, quando se não colhem senão passado certo tempo: e mesmo quando se lhes não deitam tantos arômas, aquelles cuja composição é um segredo do chinez e do japonéz, e que dão ao chá o grato arôma, que tanto apreciámos

Nos primeiros rebentos, de certo que não se podem encontrar sucos tão bem elaborados. Os chás verdes (*hysson*, *imperial*, etc. etc.) são muito mais estimulantes do que os chás pretos, em cujas variedades se encontram, como mais notaveis, os chás *peroc*, *sonchoug*, etc.

(Continua)

Pombal.

DR. LINO DE MACEDO.

## CONFISSÃO

No album da exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Liseta Emilia  
Ramos

Se eu fora poeta, formosa Clarisse,  
Cantava teus olhos no meu bandolim;  
E em noutes d'Agosto, se eu linda te visse  
Coberta de flores, sorrindo p'ra mim,

Iria offertar-te meus candidos hymnos,  
Iria levar-te carinhos e luz;  
Beijar-te os cabellos galantes, divinos,  
N'ess'alma occultando sigilos a flux.

Se eu fora um marujo, nos mares distantes  
Em noute medonha de trevas e horror,  
Lançava-me ás ondas, se em ledos instantes  
Eu visse teu corpo, das ondas na flôr.

Se eu fora o selvagem de inhospitas plagas  
E visse-te, archanjo, nas brenhas passar,  
Deixava a cabana sosinha nas fragas,  
Só para teus labios contente beijar.

Se eu fora avezinha que aos beijos d'aurora  
Nas franças entôa descantes d'Abri!l,  
Talvez te lembrasse promessas de outr'ora  
Que eu pobre guardava n'um peito febril.

Se eu fora das noutes calmosas do outomno  
Essa hostia de prata, que os nautas seduz;  
Do espaço mirando teu placido somno  
Mandava-te... escuta... grinaldas de luz.

Porem não sou vate, marujo, ou selvagem,  
Nem pura avesinha, nem doce luar...  
Sou crente, que em sonhos so vê tua imagem,  
Sou pária que vive sem patria, sem lar.

1873

TEIXEIRA DE CARVALHO

## EPISODIOS

(A DIAS FREITAS)

(Continuação do n.º 15)

Paremos pois aqui, leitor. A viração,  
que brandamente açoita as folhas dos alamos  
e das acacias da alameda; o canto desmedido  
das lavadeiras, que são todas moçoilas  
alegres e desenfadadas; esta hora do entardecer  
d'um bonito dia de setembro; tudo nos convida  
a não abandonarmos este poetico logar.

Alem disso, n'quelle banco, que fica proximo  
da capellinha, estão dois personagens conversando  
animadamente.

Como são moços ainda, é de crer que não nos  
sejam desconhecidos.

E de facto.

O que fica do lado direito, não pode deixar de ser o Julio. Aquella côr trigueirinha,  
d'um trigueiro caracteristico e sympathico;  
aquelle semblante agradável e franco;  
aquelles olhos tão brilhantes que parece  
faiscarem; aquelle bigodinho tão bem cuidado;  
aquelle modo de trajar.... Não ha que ver:  
é o nosso Julio.

Agora o outro... E' mais baixo, olhos pretos,  
buço que apenas desponta..

E' elle: é o nosso amigo Carlos.

Como, pois, são nossos conhecidos, pudêmos,  
sem nos acoimarem de indiscretos, aproximar-nos  
e escutar a conversação.

—Na verdade, Carlos, não sei que diabo de opinião é essa.  
Na tua idade zombar d'uma paixão correspondida,  
mal se comprehende.

—Ahi começa tu. Bem sei que me queres fazer a creditar que adoras,  
que estremeces, que te mirras por causa da tal  
« bonita creança, » como lhe chamas; e que ella é capaz  
de vir afundar-se n'aquelle rio por tua causa.

—Eu creio que ainda te não fallei d'ella,  
—redarguiu Julio despeitado.

—E' verdade; mas já disseste o sufficiente para eu  
comprehender que queres dar á nossa conversação um rumo...  
que muito te agrada. Continuemos a fallar dos encantos  
d'este sitio.

—Sempre o mesmo! Que me importam a mim essas bellas?!

—E' verdade: ellas ostentam-se aqui, unicamente para serem gosadas pelos peixinhos do rio,  
pelas aves, e por um ou outro merceeiro tão bronco e tapado como os generos que abarrotam a sua loja.

—Deixemos-nos de ironias intempestivas. Acbas isto poetico,  
arrastas a aza aos vaporosos habitantes do Parnaso,  
e odeias as mulheres. Se tu me explicasse os segredos do seu machinismo...

(Continua)

MAGALHÃES JUNIOR.

## SONETO ARCADICO

MOTTE

ELLA SEMPRE A ODEAR-ME, EU SEMPRE A AMAL-A

Embora me desprese Inalial bella,  
A soffrer seus desdens estou disposto;  
Sigo o meu coração, cumpro o meu gosto,  
A só viver, p'ra suspirar por ella.

Qual é do Polo para o Nauta, a estrella,  
 Tal é p'ra mim seu feiteiro rosto;  
 Em seus olhos meu rumo tenho posto,  
 E em seguil-o minh'alma se desvela.  
 Sei que é loucura amor mal compensado;  
 Mas já não me é possível desprezal-a,  
 Que todo o meu affecto lhe hei sagrado.  
 E apesar de jamais poder tocar-a,  
 Será destino meu, será meu fado,  
 Ella sempre o odear-me, eu sempre a amal-a.

Braga.

CORREIA JUNIOR.

—•••••  
**ELVIRA**

*(Conto original)*

I

**A REVELAÇÃO***(Continuação do n.º 11)*

Quando me achei completamente restabelecido, quiz retirar-me d'aquella casa, debaixo de cujo tecto tinha encontrado abrigo, sem patentear o meu reconhecimento á sua dona.

Não o pensou assim o mordomo da baroneza; aconselhou-me a que fallasse com ella, que lhe declarasse a paixão que me dilacerava a alma, sem receiar a irrisão ou o sarcasmo.

Animado por aquella esperança, resolvi confessar á baroneza o amor que ella me ateára no coração.

— Ao declinar d'uma formosa e agradável tarde de maio, achava-me eu sentado n'um dos bancos de granito que guardavam o jardim da baroneza. As rosas mandavam nas azas do zephiro as suas emanações odoríferas; as borboletas, buliçosas e inquietas, partiam em busca da corolla perfumada das fragantes flôres; a viração era serena e branda, e as aves despediam-se do dia pipilando dôcemente. E eu, com os olhos fitos no horizonte contemplava o mergulhar do sol. O ambiente que me rodeava, era puro como a chrySTALLINA agua d'um limpido arroio, que não muito longe de mim se deslisava murmuroso e brando.

O sol escondeu-se. . . O firmamento estava matizado de estrellas; e a lua campeava silenciosa, enviando á terra a sua tenue luz.

Aos meus ouvidos chegaram as suaves harmonias d'uma orchestra, que lá ao longe deleitava os honrados obreiros do trabalho. Depois, passados alguns instantes, ouvi os

sons languidos d'uma guitarra, dedilhada talvez por algum trabalhador apaixonado. Oh! como aquelles sons eccoaram em meu coração! Se eu pudesse cantar, uma trova á mulher que amava!... Se me fosse dado dedilhar a lyra, a altas horas da noite, por de baixo da janella do quarto onde repousasse a minha amada!... Se com isso pudesse ter uma esperança!... Ah! mas a esperança é uma chimera. Pinta-nos na imaginação um horizonte poetico, brilhante; mas depois, o horizonte escurece e ante nós levanta-se o terrivel espectro do desengano.

Amava... amava loucamente, mas á mulher que era objecto dos meus sonhos, dos meus pensamentos, não lhe podia revelar o meu amor, nem por um só olhar sequer: Desgraçado que eu era!

*[Continúa]*

Porto.

ARNALDO JOSÉ MARTINS

~~~~~  
**RETRATO DE RACHEL**

*(A José Esmeriz)*

Nunca o traço ideal de Raphael  
 Pude esboçar pintura delicada  
 Com as fôrmas perfectas da Rachel.

Cuido até que no ceo fora formada  
 E baixara depois como modelo  
 De esculptura, por anjos cinzelada.

Escuro e ondulado o seu cabello,  
 Quando solto, são nuvens carregadas  
 Servindo de moldura ao rosto bello.

As sobrancelhas fartas, arqueadas  
 Sobre uns olhos vivissimos, brilhantes  
 Como duas estrellas inflamadas,

Ante os quaes escurecem os diamantes!  
 O nariz que perfeito! que primor  
 De curvas suavissimas, galantes!

Depois a boca fresca como a flor  
 Orvalhada das nuvens matutinas  
 Batremostrando pérolas de Onôr,

No halito exhalando essencias finas.  
 E nas faces d'alvissimo seim  
 Realçam-thes as rozas purpurinas.

O collo de diaphano marfim;  
 O seio, inquieto sempre, faz lembrar,  
 Que o artista—travesso serafim—

Traçou ali um bonançoso mar.  
Braços de execução prodigiosa,  
Deixando ver o sangue a circular.

As mãos antes parecem, assombrosa  
Produção d'um cinzel diamantino!  
E a sua doce voz melodiosa  
Semelha os vagos sons d'um violino!

Lisboa. FRANCISCO DE MENEZES.

## A'S HORAS MORTAS DA NOITE

(ROMANCE)

(Offerecido a Joaquim Januario da Silva)

(Continuação do n.º 16.)

### IV

Alvaro Quintella é um d'estes moços onde o genio esplende em toda a sua pureza, alliado a uma bondade extrema.

Nunca lhe passou pela imaginação o travesso pensamento de querer indireitar o mundo a troco de quatro alexandrinos, muito gordos, muito fortes, e muito, e exclusivamente, palavrosos.

Nunca sonhou utopias á Verginaud, nem se entusiasmou com as faceis conquistas d'um dia.

D'um theor de vida irreprehensivel, guiado por uma rigida moral, a arca santa da sua reputação não foi ainda inquinada pela baba immunda da calúmnia, que parece comprazer-se apenas em nodoar os caracteres honestos e probos.

Quero que o leitor sympathise e se sinta atraído para aquelle moço, que me não ficará obrigado por eu lhe divulgar as bellas qualidades que elle tão nobremente esconde no reducto da sua modestia.

Ora falle-me com franqueza, leitor. Não lhe parece inverosimil o carácter que venho de esboçar rapidamente, d'um moço de 28 annos apenas, bem apessoado, n'uma posição brilhante, e com o electrismo fascinador chamado — dinheiro?

Não levo a mal que me responda affirmativamente. Se eu tambem sou pessimista em sociologia contemporânea...

Pois bem; dê-me que ainda acredite na existencia de individuos em egualdade de condições, e de sentimentos, embora ao fallar d'elles eu tenha de dizer com Juve-

nal: *avis vara*. E Deus nos livre de que esta crença abandonasse o coração do homem.

\*  
\*  
\*

Alvaro Quintella é oriundo da aldeia-sinha, onde está exercendo o seu honroso mister.

Sua mãe, D. Maria, é chamada o— anjo da aldeia,—pelos bons camponeses, a quem beneficia prodigamente.

Não ha por aquelles arredores uma creança, filha de paes menos favorecidos da fortuna, de quem ella não seja madrinha.

Que dulcissima e grata satisfação não ha de sentir a boa senhora, ao ver a respeitosa alegria que a sua passagem produz n'aquelle povo, que a estremece!

Mas notae aquelle sorriso melancolico com que ella recebe estas inequivocas homenagens, e como se afflige quando vê exaltadas as qualidades diamantinas que a exornam.

E' que a mimosa filha do céo, a sublime caridade, vive no recato e não vae pedir á terra as flores para a sua corôa, os brilhantes para o seu diadema, a recompensa para as suas acções.

E D. Maria era o anjo da caridade.

Mas deixemos estas divagações, e entremos na Herdade.

### V

Que variedade de sensações se não apodera de nós ao ultrapassar o limiar da modesta habitação dos filhos do trabalho, e dos abandonados da sorte?

Na simpleza d'aquelle aceio, na athmosphera que alli se respira, ha esse quid das grandes impressões, ha o incenso purissimo da virtude.

Quando entraes em vossas moradas, quando entraes nas moradas dos vossos amigos, que sensações experimentaes?

Aquella sumptuosidade, aquelle precioso das baixellas, aquelles adornos sem preço; poderão satisfazer-vos os sentidos, encantar-vos a vista; mas a vossa alma ficará vasia, o vosso coração ficará mudo.

Não assim, se entrardes na habitação d'aquelles que são pobres de haveres, mas ricos de virtude e sentimentos.

Alli os móveis, o arranjo, erguem mil vozes com que vos segredam á alma, que vos fazem suspeitar sensações novas, que

vos darão tentações de trocades por essa pobre vivenda, as opulencias dos vossos palacios.

(Continúa)

1872.

DIAS FREITAS

## FRAGMENTO

(A Teixeira de Carvalho)

### I

Eu era alli sosinho. — A selva era fechada.  
Esvoaçavam no ar os nimbos d'alvorada.

A poucos passos mais, um lago socegado  
Da lua retratava o vulto descórado...

E... Um lago e um batel! Ai! que não surja o dia!  
Que sobre a viração! que se afaste o arvoredado!  
Eu sinto-me aqui bem... Olhae, não tenho medo,  
Visões d'amor ideal! visões da Lombardia!...

### II

Que doce canto o seu! Que formosura a sua!  
Como ella me cingia em sensual abraço!...  
Que beijo queimador!.....

Na curva azul do espaço  
Havia desmaiado a luz fria da lua!.....

Braga

H. R.

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

*Recordações litterarias*, por Soares Romeo Junior—Editor E. Chardron,—Porto e Braga.

O nome do auctor d'este volume não é desconhecido para os leitores da *Borboleta*, cujas columnas tem enriquecido.

Comprehendem as *Recordações Litterarias* alguns dos formosos escriptos que já viram a luz publica n'este semanario, e muitos outros ineditos. É um formoso livro, de leitura a mais variada e atrahente, e escripto em portuguez de lei.

Não sabemos se esta primeira producção do nosso estimavel collaborador tem defeitos, o que não causará estranheza a ninguém,—á excepção d'uns certos criticos que nós conhecemos e que se arrogam foros de *Petrus in cunctis*. O que

sabemos é que a leitura das *Recordações litterarias* deixaram em nosso coração gratas sensações, e deram-nos a convicção de que o snr. Soares Romeo Junior, é um moço de invejavel talento e muito estudo.

Damos ao nosso esclarecido collaborador sinceros parabens.

*Leituras Populares*—Redactor padre Luiz Bernardino de Carvalho Pacheco. Lisboa, Calçada do Carmo, n.º 6.

Recebemos o 6 volume do 2.º decennio das *Leituras Populares*. Como já dissemos, é esta uma publicação de muito merecimento, do que é garantia sufficiente a longa existencia que já conta, e a capacidade do seu redactor.

*O Filho do Diabo*, por Paulo Féval—Traducção de F. M. Pinto da Silva.

D'este romance curiosissimo, que está sendo publicado pela bibliotheca *O archivo romantico*, cujo escriptorio é na Travessa do Convento de Jesus, n.º 53, Lisboa, temos recebido as caderneias do 1.º volume e as primeiras do 2.º

Por agora só nos cumpre afiançar ao leitor que é uma producção interessante, das melhores do distincto escriptor francez.

*O Anjo da Guarda*, por Henrique Perez Escrich—Versão de J. Cruzeiro Seixas.

Pertence á excellente bibliotheca do *Cura de Aldeia* a edicção d'este romance.

Fallar das obras de Escrich, tão geralmente conhecidas e apreciadas n'este paiz, vae passando já a superfluidade.

No *Anjo da Guarda*, cujo entrecho é curiosissimo, cujas descripções e linguagem são formosissimas, tem o leitor algumas horas de suave distracção e ensinamento.

O sympathico vulto de Margarida é creação digna d'um dos mais distinctos escriptores da peninsula; e não menos o é a formosa Luisa, a pobre martyr, cuja vida, sacrificada nas aras do amor filial mais puro, atrahete a sympathia de todos os que ainda teem coração para sentir, e pranto para dar ás grandes mágoas, aos soffrimentos ignorados do vulgo.

Escrich é digno do apreço em que é tido por todos os amadores de leituras romanticas.